

LUIZ DE OLIVEIRA MORAIS JUNIOR

IMIGRAÇÃO E O SETOR CAFEEIRO – 1890 / 1930

**Monografia apresentada ao curso
de Ciências Econômicas, Setor de
Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco de
Borja Baptista de Magalhães Filho**

CURITIBA

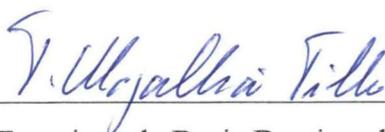
2004

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIZ DE OLIVEIRA MORAIS JUNIOR

IMIGRAÇÃO E O SETOR CAFEEIRO – 1890 / 1930

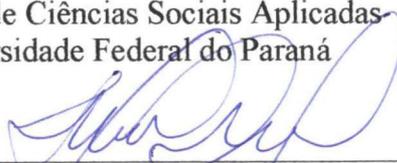
Monografia aprovada como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências Econômica do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná



Profª Fabiane Zoraia Tribless
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná



Prof. Thierry Molnar Prates
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	IV
RESUMO.....	2
INTRODUÇÃO.....	3
1 FATORES INTERNOS	5
1.1 VIAS DE COMUNICAÇÃO E MEIOS DE TRANSPORTE	5
1.2 OS PROCESSOS DE BENEFICIAMENTO DO CAFÉ.....	7
2 DETERMINANTES EXTERNOS DA IMIGRAÇÃO	10
2.1 FATORES DE IMPULSO.....	12
2.2 FATORES DE DESVIO	14
2.3 FATORES DE ATRAÇÃO.....	17
3 RELAÇÕES ENTRE O CAFEICULTOR E O IMIGRANTE.....	21
3.1 O SISTEMA DE PARCERIA	21
3.2 LOCAÇÃO DE SERVIÇOS	22
4 CONTRIBUIÇÕES DO IMIGRANTE.....	24
4.1 URBANIZAÇÃO.....	24
4.2 OCUPAÇÃO NAS INDÚSTRIAS.....	25
4.3 IMIGRAÇÃO DO CAMPO PARA CIDADE	27
5 CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS.....	32

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – IMIGRAÇÃO BRUTA ANUAL PARA OS EUA, ARGENTINA E BRASIL, 1876/1930	11
TABELA 02 – TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL ITALIANA 1881/1913	12
TABELA 03 – ÍNDICES DO PRODUTO AGRÍCOLA AGREGADO DAS CINCO LAVOURAS PRINCIPAIS NO SETOR AGRÍCOLA ITALIANO 1885-1913	13
TABELA 04 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PRODUTO NACIONAL BRUTO DOS ESTADOS UNIDOS PARA AS DÉCADAS SELECIONADAS:1878-1912	15
TABELA 05 – ESTIMATIVAS DAS TAXAS DE DESEMPREGO NO SETOR INDUSTRIAL E DE TRANSPORTE NOS ESTADOS UNIDOS, 1889-1913	15
TABELA 06 – ÍNDICES SOBRE ATIVIDADE ECONÔMICA NA ARGENTINA 1881-1913	16
TABELA 07 – EXPORTAÇÕES INGLESAS DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS FERROVIÁRIO PARA A ARGENTINA E BRASIL 1881-1900	17
TABELA 08 – DADOS SELECIONADOS DE EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL 1880-1913	19
TABELA 09 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COMO PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO TOTAL PARA ESTADOS E CIDADES SELECIONADAS DO BRASIL E ESTADOS UNIDOS: 1920	25
TABELA 10 – PARTICIPAÇÃO DO ESTRANGEIRO NA MÃO-DE-OBRA DO SETOR INDUSTRIAL E DE SERVIÇO PARA O BRASIL - 1920 .	26
TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO VALOR DA PRODUÇÃO E DO EMPREGO NO BRASIL 1907-1919	27

RESUMO

Com o melhoramento dos meios de transporte e das vias de comunicação, o aperfeiçoamento dos processos de beneficiamento do café, fizeram com que o escravo não se adaptasse a nova realidade econômica, tomando-se uma mão-de-obra cara e de baixa qualificação, favorecendo, assim, a transição da mão-de-obra escrava para o trabalho imigrante na década de 1890, mas os acontecimentos externos como os fatores de impulso como a crise na economia Italiana, fatores de desvio como as crises nas economias americana e argentina e os fatores de atração como a opulência do setor cafeeiro e subsídios também favoreceram fortemente o alto fluxo de imigrantes europeus para o Brasil. Depois que alguns fazendeiros tentaram atrair imigrantes com um sistema conhecido como parceria, sistema este que não gerou êxito, o fazendeiro estabeleceu uma relação com o imigrante através da locação de serviços. Foi com essa relação que o imigrante europeu contribuiu com o seu trabalho na economia nacional, pois sendo uma mão-de-obra barata e de qualificação contribuiu para a urbanização e com a nascente industrialização no Brasil.

INTRODUÇÃO

O setor cafeeiro foi o centro dinâmico da economia brasileira desde os anos de 1880 até aproximadamente a 1930. Neste período de tempo a estrutura produtiva cafeeira sofreu diversas transformações bem como os fatores econômicos globais. A transformação nos processos de cultivo de café, e o melhoramento dos meios de transporte, as revoltas dos escravos e movimentos abolicionistas levaram o cafeicultor a demandar mão-de-obra de maior qualificação, visto que o escravo se tornava uma incompatível com esses novos processos de cultivo do café. Essa mão-de-obra de maior qualificação foi o imigrante europeu. Pelo lado da oferta, concomitantemente com os fatores internos, estão os acontecimentos externos como os fatores de impulso crise na economia italiana, fatores de desvio que foram as crises nas economias americana e argentina, e fatores de atração como a opulência do setor cafeeiro e subsídios, fatores que também influenciaram fortemente no alto número de imigrantes europeus para Brasil registrados na década de 1890.

Depois do insucesso do sistema de parceria, em que alguns fazendeiros tentaram atrair imigrantes em meados do século XIX, foi com a locação de serviços que o imigrante estabeleceu a relação duradoura com o fazendeiro na década de 1890 e contribuiu expressivamente para a economia nacional.

Este trabalho tem por objetivo analisar os fatores internos e externos que levaram a substituição do escravo pelo colono imigrante, as relações do fazendeiro com o imigrante e sua contribuição para a economia brasileira.

Serão analisados os estudos e as opiniões de diversos autores a respeito desse assunto de grande importância para a economia nacional.

No primeiro capítulo serão analisados os fatores internos como o melhoramento das vias de comunicação e de transporte e o aperfeiçoamento dos processos de beneficiamento do café; no segundo serão tratados os fatores externos, como os fatores de impulso, desvio e atração, no terceiro serão vistas as relações do cafeicultor com o

imigrante como a parceria e a locação de serviços e, finalmente, no quarto será vista a contribuição do imigrante na economia nacional.

1 FATORES INTERNOS

Segundo COSTA (1966), as primeiras informações sobre o início da produção cafeeira, se referem a uma precária produção nos fins do século XVIII. Mas essa produção desenvolveu-se rapidamente. O plantio de café foi estimulado pela solicitação crescente do produto por parte dos países europeus, depois de acabadas as convulsões político-econômicas, e principalmente dos Estados Unidos. A medida que o seu valor crescia dentro do quadro da economia nacional o interesse pelo seu plantio aumentava. Com o café vinha o escravo. Ele era, desde os primórdios da colônia, a mão de obra preferida.

Até a década de 1870 o escravo continuava a ser a mão-de-obra fundamental para a lavoura cafeeira. O processo de desagregação do sistema escravista cafeeiro foi acelerado pelas novas condições que dominaram a conjuntura econômica do país (COSTA, 1966).

A melhor conservação das estradas de rodagem e traçado de novos caminhos, a abertura de vias férreas, o progresso nos métodos de beneficiamento de café, com o emprego de máquinas cada vez mais aperfeiçoadas, e ainda as revoltas dos escravos, e os movimentos abolicionistas, contribuíram para modificar as relações de produção, favorecendo a passagem do trabalho servil para o livre, criando maiores possibilidades para a imigração (COSTA, 1966).

1.1 VIAS DE COMUNICAÇÃO E MEIOS DE TRANSPORTE

Na década de 1870 foi atestada, por uma série de Relatórios Presidenciais, a deficiência dos meios de transporte e das vias de comunicação (CASTRO, 1975).

Reclamava-se a construção de novas estradas e pontes, solicitava-se a conservação ou a melhoria das já existentes. As queixas a respeito da situação em que se encontravam os caminhos para o escoamento da produção multiplicavam-se. Câmaras Municipais e inspetores de estradas reiteravam em ofícios e comunicações ao

Governo Provincial a urgente necessidade de reparações das vias que freqüentemente se encontravam interrompidas na Região do Oeste Paulista (CASTRO, 1975).

Com tão precárias condições de transporte, os acidentes eram numerosos: perdiam-se os animais, inutilizava-se ou deteriorava-se a carga. Durante o lento percurso, chuvas inesperadas desvalorizavam o produto: as precauções tomadas pelos experientes tropeiros nem sempre conseguiam proteger a carga da umidade. Em outra região economicamente importante da Província, representada pelos municípios do Vale do Paraíba, as estradas também eram deficientes. Na Província do Rio de Janeiro, os caminhos deterioravam-se facilmente pela passagem constante de tropas e veículos, ou pela ação das chuvas de verão (RIOS, 1973).

Por toda a parte a queixa era a mesma: a economia regredia ou estacionava e a causa deste atraso era o estado miserável em que se encontravam as estradas. A dificuldade dos meios de transporte dificultava toda vida econômica. As regiões permaneciam fechadas numa economia de subsistência, que mal dava para seu consumo e a exportação se tomava impossível. Frequentemente o preço do frete era maior que o do produto. Quando os informes das câmaras municipais acusavam prosperidade, apontavam que o maior entrave era a falta de boas vias de comunicação e observavam que o preço dos transportes impedia o desenvolvimento da exportação (TAUNAY, 1945).

Então, em São Paulo foi apresentado um projeto à Assembléia Provincial visando regulamentar a abertura e conservação das estradas, classificando-as segundo sua maior ou menor importância. O projeto, posteriormente convertido em lei, obrigava todos os trabalhadores, que eram remunerados por jornada de trabalho, os “jornaleiros”, a trabalhar nas pontes e calçadas e outras construções feitas à custa dos cofres da Província e destinadas a facilitar as vias de comunicação, e essa mesma lei obrigava os fazendeiros a ceder 20% do número total de escravos por dez dias para trabalharem nas obras declaradas (TAUNAY, 1945).

Com o melhoramento das estradas e das vias de comunicação, e com o surto ferroviário iniciado em 1882, modificaram-se fundamentalmente as condições de

transporte das regiões cafeeiras o que repercutiu profundamente na economia. Maior facilidade e rapidez dos transportes, abandono das tropas, que em muitas regiões foram substituídas pelo carro de boi, o que ampliava a capacidade de transporte, com a liberação de muitos braços, até então absorvidos pelos métodos usuais de transportes. Outros resultados foram a valorização das terras próximas às ferrovias, a decadência de cidades e regiões mais afastadas e que, dificilmente, poderiam concorrer com as mais bem situadas, assim como a possibilidade de fazer vir de fora, com mais facilidade, o que era necessário à vida das fazendas, permitindo aos seus moradores dedicarem-se exclusivamente a uma só cultura. Tudo isso repercutiu profundamente na economia da região e afetou conseqüentemente o problema da mão-de-obra (PETRONE, 1969).

A construção de vias férreas favoreceu ainda o processo de urbanização e facilitou a circulação dos senhores ou mesmo dos escravos. A modificação do sistema de transporte propiciou a transição do trabalho escravo para o livre. Esse processo também foi favorecido pela melhoria do sistema de beneficiamento do café, graças à utilização de máquinas de várias espécies (COSTA, 1966).

1.2 OS PROCESSOS DE BENEFICIAMENTO DO CAFÉ

Em 1863 o Congresso Agrícola se empenhou em demonstrar a necessidade de melhorarem-se os métodos de cultivo do café. Tentavam influenciar os fazendeiros com um estudo que mostrava que para se colher 6000 arrôbas de café, eram necessários sessenta escravos e 200.000 pés plantados, e o mesmo resultado poderia ser alcançado com apenas vinte escravos e 25.000 pés plantados, desde que se aperfeiçoassem as técnicas de agrárias e os processos de industrialização (COSTA, 1966).

A introdução de processos novos na lavoura se fez lentamente. Muitos fazendeiros eram avessos às inovações. Apegados aos métodos rotineiros temiam introduzir modificações e a existência do braço escravo abundante estorvava esse

progresso. Mas as dificuldades para a obtenção de escravos e o alto preço que eles atingiram, estimularam a mecanização. Então na década de 1860 a adoção de novos métodos começava a generalizar-se na região do Oeste paulista e as primeiras experiências despertaram grande entusiasmo, e em 1872 afirmava-se que a maioria dos agricultores da região já os tinha aplicado em maior escala esses novos processos. Os instrumentos mais usados foram os arados cultivadores, rodos e grades (COSTA, 1966).

A administração procurava estimular a divulgação desses métodos, bem como as inovações, concedendo privilégios e prêmios aos que inventassem novos descascadores, máquinas de escolher café, novos tipos de brunidores, ventiladores, melhoramento nas enxadas etc. Construíram-se terreiros de tijolos ou macadame, os métodos de despulpagem e secagem foram sendo aperfeiçoados, abandonaram-se processo antigos e rotineiros, ventiladores rústicos movidos a mão foram substituídos por ventiladores mecânicos. Tudo isso resultava num aperfeiçoamento do produto que alcançava cotações mais altas no mercado. Contribuindo para melhorar a rentabilidade, aproveitava-se melhor a safra e o café. O café preparado em máquinas encontrava, em geral, uma vantagem de 400 a 600 réis em arrôba sobre o chamado de terreiro, e o café tratado por sistemas mais primitivos começava a encontrar pouca aceitação nos mercados europeus (RIOS, 1973).

Mas o interesse de maior obtenção de lucro por parte dos fazendeiros, com seus novos processos de cultivo, foi barrado pelo problema da mão-de-obra. O emprego de máquinas demandava não só investimento de capital, como era pouco compatível com o trabalho escravo. Exigia trabalhadores com certa qualificação, capazes de manobrá-las e conservá-las. O escravo pela sua própria condição, não tinha interesse algum no trabalho. Faltava-lhe o interesse, faltava-lhe a liberdade de ação faltava-lhe também a responsabilidade: qualidades necessárias para se lidar com máquinas dispendiosas que, danificadas exigiam técnicos para o reparo (PETRONE, 1969).

A multiplicação das vias férreas, os aperfeiçoamentos técnicos do processo de beneficiamento do café, a especialização progressiva da fazenda, o fenômeno da

urbanização das últimas décadas, as novas perspectivas econômicas, criavam ou ainda impunham novas condições de trabalho. O braço escravo revelava-se cada vez mais oneroso e improdutivo dentro da nova realidade econômica (COSTA, 1966).

A necessidade de substituir o escravo pelo trabalho livre foi reforçada a partir de 1870, com a intensificação do movimento abolicionista e a desagregação progressista do regime servil abalado pelas fugas de escravos, agitações nas senzalas, insurreições, que se tornaram cada vez mais frequentes, principalmente na década de 80, alforrias, leis abolicionistas e ameaças de extinção do regime servil, diminuição da população escrava, seu envelhecimento progressivo e alto custo a que chegou, representando grande empate de capital. As novas perspectivas de investimentos em setores novos como o transporte, bancos, indústrias, melhorias urbanas que se ampliavam nessa época tornavam inconvenientes a imobilização do capital. A extraordinária expansão dos cafezais, principalmente a partir de 1885, precisava procurar uma solução para o problema do trabalho (BORIN, 1966).

2 DETERMINANTES EXTERNOS DA IMIGRAÇÃO

O incessante crescimento da economia cafeeira ao lado da incompatibilidade do braço escravo perante a nova realidade econômica, foram elementos necessários, porém não justificam integralmente os altos números de imigrantes registrados da década de 1890. Devem ser analisados os fatores econômicos globais, como os “fatores de impulso” declínio na produção agrícola e industrial italiana, os “fatores de desvio” comportamento da economia americana e argentina e os “fatores de atração” preço do café, receita cambial e subsídios, que proporcionaram a imigração para o Brasil.

Houve três ciclos mais importantes de imigração internacional para o Brasil entre 1880 a 1930. A tabela I nos mostra que o primeiro ciclo ou movimento cobre o período da década de 1880 até aproximadamente 1897, dentro do qual o período de 1888-1897 se distingue como o primeiro movimento importante de ascensão de um alto nível de imigração que atinge em meados de 1890 um número cinco vezes maior do que o do início da década de 1880. Essa foi a época de grande expansão do setor cafeeiro, quando os imigrantes italianos se estabeleceram como colonos nas novas fazendas de café na região do Oeste Paulista (GRAHAM, 1973).

A segunda fase vai de 1898 a 1913, na qual os primeiros oito anos foram marcados por uma depressão no mercado mundial do café e, conseqüentemente por um marcante declínio na imigração. E terceira abrange os anos de 1914 a 1928, com os anos de guerra de 1914 a 1918 constituindo a época de baixa, e a década de 1920-1928 representando o último movimento de ascensão durante esses 50 anos (GRAHAM, 1973).

TABELA 01 – IMIGRAÇÃO BRUTA ANUAL PARA OS EUA, ARGENTINA E BRASIL, 1876/1930

ANO	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	BRASIL
1876	198.230	22.367	22.594
1877	171.127	30.776	23.044
1878	271.079	22.438	26.789
1879	316.968	25.818	22.887
1880	446.395	31.091	22.520
1881	539.366	36.861	23.766
1882	607.519	40.242	24.306
1883	595.137	51.037	25.449
1884	528.091	57.882	29.935
1885	468.314	68.595	35.688
1886	457.028	83.924	56.606
1887	442.195	117.748	64.818
1888	454.186	117.187	79.224
1889	499.409	109.710	115.879
1890	517.320	98.783	121.927
1891	495.888	83.373	122.238
1892	464.129	50.368	121.245
1893	424.776	47.250	133.274
1894	381.365	62.132	121.548
1895	311.599	68.734	133.580
1896	269.513	71.745	122.241
1897	274.730	77.690	120.970
1898	312.737	82.415	95.506
1899	341.667	79.906	80.941
1900	425.249	76.908	62.110
1901	550.799	78.528	53.300
1902	651.030	86.753	51.607
1903	766.815	105.206	57.606
1904	889.179	137.688	55.279
1905	1.016.500	167.911	56.549
1906	1.001.685	204.007	68.676
1907	989.448	225.110	76.525
1908	992.462	247.615	80.179
1909	948.032	242.262	92.638
1910	858.597	265.122	116.964
1911	941.601	274.389	136.561
1912	1.034.940	251.237	135.944
1913	891.862	201.367	124.722
1914	776.014	163.810	104.329
1915	667.460	102.742	75.170
1916	450.005	45.073	40.095
1917	234.536	30.269	31.160
1918	255.196	38.617	38.924
1919	356.476	51.634	44.292
1920	359.307	73.876	51.447
1921	441.767	110.147	64.683
1922	554.920	133.877	76.728
1923	527.783	141.543	79.500
1924	427.635	148.928	91.645
1925	432.758	155.385	98.565
1926	389.626	143.846	97.641
1927	304.182	139.875	98.101
1928	293.659	137.940	95.008
1929	252.189	122.204	76.506
1930	192.270	96.148	59.177

FONTE: GRAHAM, 1973.

2.1 FATORES DE IMPULSO

Os dados sobre a Itália, na tabela 2 e 3 indicam que durante o período 1888-1897, época que coincide com o “boom” brasileiro, do setor cafeeiro a produção da indústria italiana foi praticamente nula, e houve um forte declínio no setor agrícola. Somente no fim da década de 1890 e no começo do século seguinte, durante o declínio da economia brasileira, é que os dois setores se recuperaram até atingir suas mais altas taxas de crescimento na época anterior à guerra (GRAHAM, 1973).

TABELA 02 – TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO ANUAL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL ITALIANA 1881/1913

PERÍODO	PERCENTAGEM DE CRESCIMENTO
1881-1888	4.6
1888-1896	0.3
1896-1908	6.7
1908-1913	2.4
1881-1913	3.8

FONTE: GRAHAM, 1973

TABELA 03 – ÍNDICES DO PRODUTO AGRÍCOLA AGREGADO DAS CINCO LAVOURAS PRINCIPAIS NO SETOR AGRÍCOLA ITALIANO 1885-1913

ANO	VALORES DA PRODUÇÃO DE 5 CULTURAS DE DESTAQUE NA ITÁLIA (MILHÕES DE LIRA)
1885	2.421
1886	2.958
1887	2.494
1888	2.396
1889	2.130
1890	2.758
1891	2.931
1892	2.188
1893	2.254
1894	1.778
1895	1.991
1896	2.322
1897	1.903
1898	2.637
1899	2.474
1900	2.788
1901	3.397
1902	2.709
1903	3.302
1904	2.998
1905	3.024
1906	2.919
1907	3.637
1908	3.048
1909	3.694
1910	3.018
1911	4.262
1912	4.078
1913	4.323

FONTE: GRAHAM, 1973

O declínio do crescimento econômico italiano durante os anos de 1888-1897 criou um importante fator de impulso que obviamente, proporcionou vantagens para o Brasil, dada a falta de países de destino alternativos para absorver os imigrantes neste período em níveis comparáveis aos da década anterior a 1880 ou posterior a 1900. Como este declínio simultâneo das atividades industriais e agrícolas aconteceu no Norte da Itália, esta região foi a que mais contribuiu com imigrantes para o Brasil (GRAHAM, 1973).

Os índices evidenciam que aproximadamente de 1885-1906, a prosperidade da economia brasileira estava descontraída dos desempenhos da economia, americana, argentina e italiana. Esse fato desempenhou um importante papel ao permitir o Brasil de importar tão grande número de imigrantes europeus, principalmente italianos durante a década de 1890.

Seria de fato difícil para o Brasil, atrair semelhante número de imigrantes se a Argentina e os Estados Unidos, tivessem na mesma época, se expandindo economicamente e se também a economia italiana estivesse crescendo. Mas entre 1900 e 1908 o Brasil, devido a queda do setor cafeeiro, passa a se contrair economicamente enquanto que a Argentina e os Estados Unidos estavam se expandindo, isso acarretou em consequências negativas com relação a imigração para o Brasil como podemos ver na tabela 1 (GRAHAM, 1973).

2.2 FATORES DE DESVIO

Ao mesmo tempo em que o Brasil experimentou um rápido crescimento na produção e rendimentos de seu moderno setor de exportação, os Estados Unidos sofriam sua maior depressão econômica anterior a de 1930. A tabela 4 mostra que a taxa de crescimento do produto nacional bruto americano durante o começo e meados da década de 1890 foi consideravelmente menor do que as obtidas nas décadas anteriores e posteriores. Do mesmo modo, os dados sobre desemprego, tabela 5, indicam que de 1893 até 1898 houve brusco aumento da taxa de desemprego americano no setor industrial e de transporte, atingindo seu nível máximo antes da grande depressão. Comparando-se com a década de 1880 e com os primeiros anos do século vinte, a década de 1890 constituiu-se num período de marcante declínio nas atividades econômicas dos Estados Unidos, com um efeito negativo nos fluxos migratórios da Europa. Em contraste a economia americana recuperou-se fortemente no início do século exatamente quando a economia cafeeira brasileira entrava em declínio (GRAHAM, 1973).

TABELA 04 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PRODUTO NACIONAL BRUTO DOS ESTADOS UNIDOS PARA AS DÉCADAS SELECIONADAS:1878-1912

DÉCADA	TAXA DE CRESCIMENTO
1878/82 a 1888/92	3,73
1883/87 a 1893/97	3,10
1893/97 a 1903/07	5,03
1898/1902 a 1908/12	3,71

FONTE: GRAHAM, 1973

TABELA 05 – ESTIMATIVAS DAS TAXAS DE DESEMPREGO NO SETOR INDUSTRIAL E DE TRANSPORTE NOS ESTADOS UNIDOS, 1889-1913

ANO	PERCENTAGEM DE DESEMPREGADOS
1889	5,6
1890	5,1
1891	5,6
1892	3,7
1893	9,6
1894	16,7
1895	11,9
1896	15,3
1897	14,5
1898	13,9
1899	7,7
1900	6,3
1901	4,5
1902	3,5
1903	3,5
1904	7,1
1905	4,0
1906	3,5
1907	3,5
1908	12,0
1909	5,1
1910	3,7
1911	5,6
1912	4,4
1913	5,4

FONTE: GRAHAM, 1973

Os dados da economia Argentina revelam um padrão de comportamento semelhante contribuindo também como um fator de desvio. Utilizando os dados sobre lançamento de ações de empreendimentos da Argentina na Bolsa de valores de Londres, taxas de lucro nas ferrovias argentinas e exportações argentinas por quilômetro de ferrovia, eles mostram a década de 1880 e início do século vinte como

períodos de grande expansão da economia Argentina, e o início e meados da década de 1890 como um período de crescimento lento como mostra a tabela 6.

TABELA 06 – ÍNDICES SOBRE ATIVIDADE ECONÔMICA NA ARGENTINA 1881-1913

ANO	LANÇAMENTO DE AÇÕES PARA A ARGENTINA NA BOLSA DE VALORES DE LONDRES (€1000MILHÕES)	TAXA DE LUCRO NAS FERROVIAS ARGENTINAS %	EXPORTAÇÕES ARGENTINAS (1000 PESOS OURO)
1882	7,1	6,04	22,80
1883	1,8	5,75	18,96
1884	5,9	7,34	18,70
1885	1,8	4,63	18,66
1886	11,2	4,68	11,99
1887	11,3	4,83	12,56
1888	23,4	5,05	13,21
1889	12,3	2,36	15,11
1890	4,6	2,63	10,71
1891	0,0	1,74	8,24
1892	1,2	1,77	8,25
1893	0,6	1,90	6,79
1894	0,0	2,04	7,27
1895	0,6	2,59	8,51
1896	0,2	3,05	8,91
1897	1,0	2,51	6,77
1898	3,6	2,70	8,67
1899	1,6	3,59	11,28
1900	1,5	3,33	9,34
1901	4,9	3,67	9,94
1902	3,2	3,62	10,29
1903	5,1	4,51	12,01
1904	4,1	4,99	13,58
1905	12,1	5,14	16,31
1906	12,6	4,95	14,20
1907	14,3	4,35	15,39
1908	16,0	4,65	15,42
1909	21,7	4,71	16,02
1910	22,9	4,32	13,32
1911	16,7	3,99	10,82
1912	20,1	4,11	15,26
1913	12,0	4,17	14,89

FONTE: GRAHAM, 1973

Os dados de exportações inglesas de equipamentos ferroviários para a Argentina e Brasil durante esse período, como mostra a tabela 7, também revelam um comportamento semelhante, a importação desses equipamentos pela Argentina

aumentou no meados e fim da década de 1880 e decaindo consideravelmente na década seguinte.

TABELA 07 – EXPORTAÇÕES INGLESAS DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS FERROVIÁRIO PARA A ARGENTINA E BRASIL 1881-1900

(EM £ 1.000)

PERÍODO	ARGENTINA	BRASIL
1881-85	824,1	344,8
1886-90	1.762,9	225,9
1891-95	410,1	303,3
1896-00	554,6	268,6

FONTE: GRAHAM, 1973

Trabalhos sobre as etapas de desenvolvimento econômico argentino se referem à primeira metade de 1890 como sendo um período de recesso econômico, no qual houve um marcante declínio no fluxo de importações de capital e investimento estrangeiro na Argentina, reforçado por um declínio nos preços dos produtos argentinos de exportação. No fim da década de 1890 a economia Argentina se recupera e do começo do século vinte até a primeira guerra mundial a Argentina continuaria com uma notável taxa de crescimento econômico (GRAHAM, 1973).

E foram nos anos de 1890 em que a imigração para a Argentina atingiu seu menor nível durante o período que vai de 1885 a 1913 o que indica claramente que a imigração para o Brasil se beneficiou do declínio econômico argentino nessa época (GRAHAM, 1973).

2.3 FATORES DE ATRAÇÃO

Os volumes de imigração bruta revelam que tanto a Argentina como os Estados Unidos estavam obtendo taxas de crescimento econômico maiores que o Brasil na década de 1880, mas na década seguinte o oposto ocorreu; o Brasil passou a crescer mais rapidamente que os outros dois países. Do mesmo modo, depois de 1900, o Brasil sofreu um recesso econômico, enquanto os outros dois países tiveram altas taxas de crescimento. O desempenho econômico do moderno e crescente setor cafeeiro do fim

da década de 1880, até o fim da década de 1890, junto com os subsídios realizados pelo governo desempenharam fortes fatores na atração de imigrantes europeus, que saíam de seu país de origem principalmente a Itália em detrimento das crises econômicas como citado anteriormente. No concernente ao desempenho do setor cafeeiro, a tabela 8 revela que a partir do fim da década de 1880 até o fim de 1890 o Brasil obteve um crescimento favorável e um nível máximo do café no mercado internacional, bem como nas receitas das exportações desse setor, sua principal fonte de divisas externas. A manutenção do crescimento das receitas de exportação em mil-réis após o declínio do preço internacional do café foi devido à expansão da produção e à rápida depreciação da taxa de câmbio. E sobre os subsídios, a partir da década de 1870 o Governo Brasileiro passou a financiar, cada vez mais a vinda de imigrantes, subvencionando-a, de várias maneiras. Em 1871 era baixada uma lei autorizando o Governo a emitir apólices até seiscentos contos para auxiliar o pagamento das passagens de imigrantes. Deveria ser atribuída a cada pessoa a quantia de vinte mil-réis. Por um contrato feito entre o Governo Imperial e Provincial, a verba foi elevada a cem mil-réis por pessoa. O Governo Imperial associava-se dessa forma ao da Província no sentido de intensificar a corrente imigratória. Por um decreto de 8 agosto de 1871, era constituída a Associação Auxiliadora de Colonização, congregando importantes fazendeiros e capitalistas. Em 1874, recebia a Associação cem contos para colaborar no financiamento da passagem dos imigrantes. O Estado chamava a si, cada vez mais a responsabilidade por esse financiamento. Atendia-se, com isso, a uma das principais queixas de colonos e proprietários que, desde as primeiras experiências da parceria, tinham considerado as dívidas com o transporte do colono um dos grandes fatores do insucesso da colonização do país. Pelo contrato celebrado entre o Governo e a Associação de colonização, comprometia-se aquele a auxiliar com a quantia de 60\$000 por colono a ser empregado como simples trabalhador nos estabelecimentos rurais. O efeito de crescente setor cafeeiro e dos subsídios foi de permitir o crescimento e a absorção da imigração em 1890.

TABELA 08 – DADOS SELECIONADOS DE EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO BRASIL 1880-1913

ANO	QUANTIDADE EXPORTADA (1000 SACOS)	VALOR DAS EXPORTAÇÕES EM MIL-REIS	VALOR DAS EXPORTAÇÕES EM LIBRA-OURO (£ 1.000 OURO)	PREÇO MÉDIO ANUAL DO SACO DE CAFÉ EM LIBRA-OURO
1880/1	3.660	126.134	11.604	3,17
1881/2	4.081	104.753	9.553	2,34
1882/3	6.687	122.643	10.817	1,61
1883/4	5.316	130.083	11.681	2,29
1884/5	6.238	152.434	13.140	2,10
1885/6	5.436	124.792	9.671	1,77
1886/7	6.075	186.925	14.543	2,39
1887	1.694	74.411	6.958	4,10
1888	3.444	103.205	10.857	3,15
1889	5.586	172.258	18.953	3,39
1890	5.109	189.894	17.850	3,49
1891	5.373	284.167	17.561	3,26
1892	7.109	441.443	22.028	3,09
1893	5.307	452.326	21.712	4,09
1894	5.582	499.615	20.884	3,74
1895	6.720	543.336	22.385	3,33
1896	6.744	524.338	19.663	2,91
1897	9.463	525.682	16.506	1,74
1898	9.267	465.664	13.830	1,49
1899	9.771	470.993	14.459	1,48
1900	9.155	484.342	18.889	2,06
1901	14.760	509.598	23.979	1,62
1902	13.157	409.841	20.327	1,54
1903	12.927	384.298	19.976	1,47
1904	10.025	391.587	10.958	1,99
1905	10.821	324.681	21.421	1,98
1906	13.966	418.400	27.616	1,97
1907	15.680	453.764	28.559	1,82
1908	12.658	368.285	23.039	1,82
1909	16.881	533.870	33.475	1,98
1910	9.724	385.493	26.696	2,74
1911	11.258	606.529	40.401	3,58
1912	12.080	698.371	46.558	3,85
1913	13.268	611.690	40.779	3,07

FONTE: GRAHAM, 1973

Mas não só imigrantes italianos vieram para o Brasil. Também foram registrados imigrantes de outras nacionalidades. Nas fazendas de Rio Claro se

inseriram nas lavouras de café um grande número de alemães e suíços, em Campinas foram registrados alemães e portugueses, e em outras fazendas além de alemães e portugueses foram encontrados imigrantes Suíços. (COSTA, 1966).

Em 1870 uma colônia militar constituída por ordens do Governo Imperial empregava um total de 438 pessoas dentre essas encontravam-se: holandeses, chineses, portugueses, belgas e alemães. No Rio de Janeiro em 1873 foram absorvidos imigrantes, portugueses alemães e prussianos, para trabalharem nas obras publicas como nas construções de estradas e prédios. Nesse mesmo ano, muitos imigrantes foram trabalhar na colônia da independência, onde empregou 175 colonos naturais de Holstein, Prússia e Turíngia (COSTA, 1966).

Foram registrados também, em 1880 um pequeno número de imigrantes chineses e portuguêses que foram trabalhar no ciclo do açúcar e da borracha em Minas Gerais (COSTA, 1966).

Em Santa Catarina estabeleceram-se nas lavouras e posteriormente no comercio um grande número de Alemães em 1887 (BORIN,1971).

E imigrantes ucranianos e poloneses com o plantio da erva mate colonizaram o bairro Abranches em Curitiba (COSTA, 1966).

3 RELAÇÕES ENTRE O CAFEICULTOR E O IMIGRANTE

3.1 O SISTEMA DE PARCERIA

Em 1850, antes da grande expansão cafeeira e do surto imigratório, alguns fazendeiros tentaram atrair imigrantes para trabalhar em suas fazendas através de um sistema que ficou conhecido como parceria. Neste caso os colonos eram contratados na Europa e encaminhados para as fazendas de café. Tinham sua viagem paga, bem como o transporte até as fazendas. Essas despesas, assim como o necessário à manutenção, entravam como adiantamento até que pudessem sustentar-se pelo próprio trabalho. Atribuía-se a cada família uma porção de cafeeiros na proporção da sua capacidade de cultivar, colher e beneficiar. Era-lhes facultado o plantio de viveres necessários ao próprio sustento entre as filas de café, enquanto as plantas eram novas. Quando isso não era mais possível, podiam plantar em locais indicados pelos fazendeiros. Em caso de alienação de parte dos viveres caberia ao fazendeiro a metade. Vendido o café obrigava-se este a entregar ao colono metade do lucro líquido, deduzidas todas as despesas com o beneficiamento, transporte, comissão de venda, impostos etc. Sobre os gastos feitos pelos fazendeiros em adiantamento aos colonos, cobravam-se juros de 6%, que corriam a partir da data do adiantamento. Os colonos eram considerados solidariamente responsáveis pela dívida (COSTA, 1966).

Essas normas sofriam, às vezes pequenas alterações. Os fazendeiros cobravam 12% de juros ao invés e 6%, alguns incluíam no contrato uma cláusula obrigando os colonos a concorrer com seus trabalhos para outros serviços na fazenda, ou especificavam o número de vezes em que o cafezal deveria ser limpo, outros determinavam que o colono replantasse as falhas que ocorressem no cafezal (COSTA, 1966).

Na maioria das fazendas não se abandonou por completo o trabalho escravo que persistiu ao mesmo tempo com as colônias de parceria. As tarefas ficavam estreitamente delimitadas e separadas (BORIN, 1971).

Mas o sistema de parceria perdeu rapidamente o prestígio minado pelas próprias contradições. Os colonos sentiam-se reduzidos à situação de escravos, e os fazendeiros por sua vez viam-se burlados em seus interesses (RIOS, 1973).

Um dos motivos que contribuiu para aumentar as tensões entre colonos e proprietários, servindo para ajudar no insucesso do sistema de parceria, foi o complicado sistema de contas feito para deduzir sua parcela de lucro sobre a produção do café obtido. Rezavam os contratos que, vendido o café caberia o colono metade do lucro líquido proporcionalmente ao café colhido por ele. O cálculo para apuração do lucro líquido era complicado, envolvendo despesas de beneficiamento, transporte, impostos, comissões. Impossibilitados de acompanhar todos esses cálculos, os colonos sentiam-se roubados. Tinham vindo em busca de uma fortuna miraculosa, observavam os lucros fabulosos do fazendeiro e depois da longa espera do fim da safra, pouco recebiam (TAUNAY, 1945).

E ainda recaíam sobre o imigrante pesadas dívidas, já na sua chegada à fazenda: a viagem marítima, o transporte até o local de trabalho, os primeiros mantimentos necessários a sua subsistência, até que produzissem algo para seu sustento, e as ferramentas de trabalho (BORIN, 1971).

Os colonos ficavam perplexos, revoltavam-se, fugiam, abandonavam as fazendas sem terem saldado seus compromissos. Nessa situação o sistema de parceria não vigorou, e em 1860 vegetavam vinte e nove colônias de parceria; em 1863 apenas treze. Nesse ano os contratos de parceria continuavam existindo, mas os proprietários “não queriam saber mais deles” (COSTA, 1966).

3.2 LOCAÇÃO DE SERVIÇOS

Em 1870 a maior parte dos fazendeiros, que mantiveram colonos em suas fazendas, abandonava as antigas fórmulas de contrato de trabalho, substituindo-as pelo sistema de locação de serviços. Foi nesse sistema em que se deu a relação do fazendeiro e imigrante durante a expansão cafeeira e o surto imigratório iniciados em 1890 (CASTRO, 1975).

Pagava-se, neste caso, um salário variável pelo trato de determinado número de cafeeiros, um fixo pela colheita de café e o fazendeiro concedia-lhe a terra para o plantio do necessário ao seu sustento. Tinham casa, comida, roupa lavada e consertada, tratamento médico e farmácias gratuitos e o colono ficava obrigado a fazer todo o serviço da fazenda. Os fazendeiros pagavam 400 réis por alqueire colhido (COSTA, 1966).

Para os colonos, esse pagamento resultava nessa época um pouco inferior ao que lhe caberia normalmente em regime de parceria. Pelos cálculos feitos, deveriam receber pelo sistema de parceria, 466 réis por alqueire quando o preço da arroba andava a 4\$400. Havia uma diferença de 66 réis em cada alqueire, quando este pagava 400 réis ao colono. Apesar disso, o sistema funcionava melhor, tendo-se em vista que o colono ficava livre das oscilações de preço no mercado internacional e não precisava também esperar que o café fosse vendido. Os benefícios ou prejuízos da especulação recaíam unicamente sobre o proprietário (COSTA, 1966).

Os salários pagos aos colonos eram, a princípio muito baixos, mas já em 1875 os trabalhadores recebiam pela jornada mensal 14.000 réis e nos anos seguintes 18.000. O trabalhador contratado por “jornal” sabia previamente quanto iria receber e nunca se poderia queixar de que foi enganado por promessas ilusórias (CASTRO, 1975).

4 CONTRIBUIÇÕES DO IMIGRANTE

4.1 URBANIZAÇÃO

A rápida taxa de urbanização é um dos mais importantes impactos macroeconômicos criados pelo crescente ritmo de migração estrangeira para o Brasil na década de 1890. Apesar do principal motivo de atrair imigrantes para o Brasil era o de trabalhar como colonos das fazendas de café do interior, é evidente que houve um grande volume de imigração intra-estadual desses estrangeiros para as áreas urbanas de São Paulo, principalmente para a capital. A cidade de São Paulo aumentou de 64.934 habitantes em 1890, para 239.820 em 1900, tornando-se quase quatro vezes maior num espaço de dez anos. Desses 64.934 habitantes 22% eram estrangeiros. Portanto nessa época os estrangeiros em geral e mesmo os italianos como um grupo separado, superavam numericamente a população branca nativa do Brasil nessa cidade que era de 18%. Essa tendência de rápido crescimento urbano prosseguiu: a população da capital do Estado dobrou de 239.820 em 1900 para 579.033 em 1920, uma taxa de crescimento bastante grande considerando que a imigração diminuiu nos anos de guerra. A tabela 9 mostra que, em 1920, os estrangeiros constituíam 18% da população do Estado de São Paulo e 36% da população da capital (GRAHAM, 1973).

Essa alta taxa de crescimento urbano por volta da década de 1900 foi em grande parte, devida à imigração estrangeira. Por sua vez esse crescimento teve um papel fundamental em criar um mercado urbano alto, com hábitos de consumo europeus para estimular o desenvolvimento de indústrias de substituição de importação tais como as de alimentos, bebidas e têxtil (GRAHAM, 1973).

O crescimento da receita de exportação, como mostra a tabela 8, nos anos de 1905 a 1913, gerada pela expansão do setor cafeeiro, estava associado ao crescimento urbano e este também teve um papel chave no processo de multiplicação da crescente procura doméstica por produtos manufaturados nacionais. Com o desenvolvimento do mercado de formação de capital entre esses anos, a expansão da atividade econômica

tornou-se bem mais generalizada, cabendo aos imigrantes e seus descendentes um importante papel de agentes impulsionadores da expansão de mercado nas áreas urbanas e rurais de São Paulo (GRAHAM, 1973).

A imigração estrangeira deu uma forte contribuição para a elevação do nível de estoque de mão-de-obra associado à força de trabalho no Brasil. Primeiramente, na substituição do trabalho escravo nas fazendas de café e, depois na indústria e no comércio urbano, a diferença da habilidade em favor dos migrantes estrangeiros elevou a produtividade da economia brasileira além do que seria possível se apenas trabalhadores nativos fossem empregados (GRAHAM, 1973).

TABELA 09 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COMO PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO TOTAL PARA ESTADOS E CIDADES SELECIONADAS DO BRASIL E ESTADOS UNIDOS: 1920

ESTADOS UNIDOS	%
New York	27
New Jersey	24
Pennsylvania	16
Minnesota	28
Illionois	19
Califórnia	20
ESTADOS UNIDOS	14
BRASIL	%
São Paulo (Estado)	18
São Paulo (cidade)	36
Rio de Janeiro (Estado)	3
Rio de Janeiro (cidade)	21
Rio Grande do Sul	7
Porto Alegre	11
BRASIL	5

FONTE: GRAHAM, 1973

4.2 OCUPAÇÃO NAS INDÚSTRIAS

O crescente papel do imigrante nos setores industriais em expansão fica evidente se considerarmos que, em 1900, menos de 5% do total da força de trabalho industrial era composta de estrangeiros. Por volta de 1920, essa porcentagem cresceu mais de três vezes, para 17%, o que se destaca ainda mais é como o estrangeiro

aumentou a predominância dos principais centros industriais, causando o início do crescimento industrial do país nessa época. A tabela 10 mostra que em 1920, mais de 35% e 51% do total das forças de trabalho industriais das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente, eram compostas de trabalhadores estrangeiros. Essas porcentagens são ainda maiores nos importantes setores de comércio e bancos, onde mais de 62% e 45 % do total da força de trabalho nesses dois campos, em conjunto, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, eram estrangeiros (IANNI, 1969).

TABELA 10 – PARTICIPAÇÃO DO ESTRANGEIRO NA MÃO-DE-OBRA DO SETOR INDUSTRIAL E DE SERVIÇO PARA O BRASIL - 1920

	Numero de estrangeiros empregados	% de estrangeiro sobre o total da força de trabalho industrial	% de estrangeiros na força de trabalho industrial sobre o total de estrangeiros	% de estrangeiros no comércio e banco sobre o total da força de trabalho desse setor	% de estrangeiros no comércio e banco sobre o total de estrangeiros	% de estrangeiros sobre a população total
Distrito Federal	155,691	35.4	35.4	45.3	30.8	20.7
Cidade de São Paulo	100,821	51.5	52.3	62.5	19.0	35.4
Estado de São Paulo	421,703	39.8	23.2	52.4	10.9	18.1
Brasil	867,067	16.6	24.2	29.6	17.0	5.2

FONTE: IANNI, 1969

A participação do trabalho estrangeiro teve um forte impacto tanto quantitativo como qualitativo. Muitos dos cargos técnicos e de controle nas indústrias dessa época eram exercidos por estrangeiros. Além disso, a alta porcentagem de estrangeiros na área de comércio e em menor extensão, nos bancos, mostra que esse grupo estava em condições de gerar poupança para desempenhar importantes funções empresariais na sociedade brasileira da época (PETRONE 1973).

O centro do crescimento industrial brasileiro da época era São Paulo, precisamente a área onde o imigrante se tornava a principal força demográfica nas

alterações dos hábitos de consumo, tamanho de mercado, e proporções de mão-de-obra. No começo da década de 1890, São Paulo era apenas responsável por uma insignificante parcela da produção e em emprego industrial, comparado com Rio de Janeiro e outros centros dessa área. No entanto, em 1907, a tabela 11 mostra que o estado de São Paulo já contava com aproximadamente 16% do total da produção mesma porcentagem apresentada como dos empregados das indústrias brasileiras. Em 1920, essas porcentagens cresceram respectivamente para 33% e 30% o que mostra uma importante associação entre a imigração estrangeira em grande escala, e um considerável aumento do desenvolvimento industrial nesse Estado nos primeiros anos do século (IANNI, 1969).

TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO VALOR DA PRODUÇÃO E DO EMPREGO NO BRASIL 1907-1919

ESTADO	VALOR DA PRODUÇÃO (%)	EMPREGO	VALOR DA PRODUÇÃO (%)	EMPREGO
Distrito Federal	30.3	23.4	22.4	20.3
São Paulo	15.9	16.01	33.1	30.6
Rio Grande do Sul	13.5	10.1	11.8	9.0
Rio de Janeiro	7.5	8.9	6.1	6.1
Pernambuco	7.4	7.8	4.6	5.7
Outros	25.4	33.8	22.0	28.3

FONTE: IANNI, 1969

4.3 IMIGRAÇÃO DO CAMPO PARA CIDADE

O principal contingente da população urbana estrangeira, na década de 1914, se constituía daqueles que saíam das lavouras, que buscavam a capital e as cidades das áreas cafeeiras. Foi o primeiro movimento de imigração do campo para a cidade, primeiro êxodo rural de imigrantes. A mobilidade do imigrante e a procura dos centros urbanos prosseguiu no período em que se estabeleceu a grande corrente imigratória, com ajustamentos iniciais relativamente positivos entre colonos e fazendeiros (IANNI, 1969).

A procura das cidades pelos imigrantes se efetuava quando, depois de algum tempo de trabalho na fazenda, o colono chegava a economizar uma reserva de

dinheiro, pois o abandono das fazendas resultaria simplesmente da ascensão econômica do imigrante (PETRONE, 1969).

Assim, através do trabalho nos cafezais, abria-se ao imigrante a alternativa de tentar descobrir as possibilidades da economia urbana. A cidade se revelava a ele um núcleo de atração econômica (PETRONE, 1969).

Então o imigrante viu-se estimulado em grande escala para o trabalho assalariado das indústrias nascentes, às quais proporcionou uma oferta de mão-de-obra barata e ainda localizou-se nos serviços urbanos de limpeza pública e transportes, nas estradas de ferro e nas construções (BEIGUELMAN, 1968).

Além de atuarem no comércio e nos bancos como citados anteriormente, o imigrante também atuou na indústria têxtil que empregava em elevada proporção o trabalho feminino e de menores. Em 1915, um levantamento realizado pelo departamento estadual revelava quem num conjunto de fábricas abrangendo 10.204 operários, apenas 1843 eram brasileiros, sendo 6.044 italianos e distribuindo-se os demais por diversas nacionalidades (HOLLOWAY, 1972).

Mas também nas atividades exclusivamente masculinas era elevada a participação do imigrante. Em 1915, na fase de intensa construção civil, por volta de 4/5 dos pedreiros de São Paulo eram italianos. Assim, o interesse pelas atividades ligadas à economia urbana, mais em termos de emprego que de perspectiva de salário, influi na própria composição demográfica da cidade que recebe elevado contingente estrangeiro. Selecionado no sentido de uma intensa motivação econômica, resultou que, mesmo no setor do trabalho assalariado, a participação do imigrante foi superior à própria parcela que representa a população urbana (IANNI, 1969).

A quase ausência do trabalho nacional na indústria de São Paulo no período de sua formação, tem conduzido alguns autores a concluir que a mão-de-obra estrangeira era mais qualificada, era superior à mão-de-obra nacional, superioridade elevada à categoria de fator favorável no desenvolvimento de uma indústria para a qual o braço nacional revelou-se incompetente (PETRONE, 1965).

Mas para aqueles imigrantes que não encontraram trabalho, na indústria têxtil ou em outras fabricas, era comum o exercicio de atividades novas e que exigiam pouca ou nenhuma habilitação. Por volta de 1916, por exemplo, dedicavam-se os imigrantes italianos, na capital, a buscar, de casa em casa, sapatos velhos para consertar. Napolitanos e calabreses, particularmente, dedicavam-se nesse período ao ofício de caldeireiros ambulantes. Ainda em 1916 há referências à exploração do serviço não qualificado infantil, como o de engraxate, vendedor de jornais e outros. Eram atividades que visavam através de um trabalho intenso e um padrão de vida ínfimo, tirar proveito das eventuais possibilidades de acumulação que os núcleos urbanos pudessem oferecer (BEIGUELMAN, 1968).

Nesses casos de desajustamento momentâneo é possível encontrar elementos do grupo imigrante em estado de penúria. Assim, por exemplo, em 1917, o chefe de polícia declarava ter encontrado nas ruas da capital, muitos menores tanto estrangeiros como nacional, em completa pobreza dedicando-se à mendicância. No mesmo ano, constata-se a presença de várias instituições de caridade que visam atenuar a miséria de membros do grupo italiano (HOFFMAN, 1977).

Foi em 1917 que estabeleceram as inúmeras as fabricas de bebidas e de massas, vulgarmente conhecidas como macarrão. Nessa época os imigrantes estariam representados em toda a hierarquia econômica, desde o mais importante comerciante até o mais desamparado menino vendedor de jornais (BASSANEZI, 1975).

Os imigrantes empregavam as noções artesanais que porventura já trouxessem ou adquirissem para apropriar-se, num ritmo de solicitação intensa das oportunidades existentes, ou das novas que se criavam (HOLLOWAY, 1972).

Dessa forma o imigrante, como um todo se apresentava, em relação ao trabalhador nacional como um “explorador” das novas oportunidades econômicas, mais ou menos vantajosas, que dispensavam capital inicial, além de penetrar nos setores tradicionais (HOFFMAN, 1977).

A população nacional, então, passou a demonstrar seu ressentimento contra o imigrante, que não só tornava mais agudos os problemas urbanos com sua mobilidade

acelerada para as cidades, como a frustrava com a utilização intensiva dos meios de ascensão econômica (IANNI, 1969).

Em correspondência a essa xenofobia, desenvolveu-se entre as massas imigrantes um sentimento de hostilidade contra o meio. Nos anos de 1917 e 1918, por exemplo, o antagonismo entre os grupos brasileiro e italiano em São Paulo, que refletia as insatisfatórias condições de vida de ambos, tomou a forma de sérios conflitos de rua (HOLLOWAY, 1972).

Ao mesmo tempo os imigrantes desenvolveram uma auto-representação como elementos civilizadores, adotando atitude altamente crítica para com o comportamento econômico do trabalhador nacional e o seu conformismo com o baixo padrão que não se esforçava para abandonar (PETRONE, 1968).

Então para o imigrante, ao passo que para ele a base da hierarquia sócio-econômica era o proletariado profissional, o seu ingresso na classe operária se constituiu em etapa de ascensão econômica em um país com muitas oportunidades para a essa massa livre e liberta nacional (BEIGUELMAN, 1968).

5 CONCLUSÃO

A introdução de trabalhadores europeus em larga escala no período de 1880-1930 insere-se no contexto da expansão cafeeira verificada na época. As modificações observadas nas condições de trabalho explicam a atração exercida pelo país sobre os imigrantes. Essas novas condições surgiram entre 1880 a 1890 quando o crescimento dos lucros obtidos mediante inovações redutoras dos custos e a instalação de meios de transporte mais baratos e eficientes combinaram com as crescentes cotações do café no exterior. Os fatores de desvio e atração foram particularmente importantes na década de 1890, quando a entrada de imigrantes assume maiores proporções.

O papel exercido pelo imigrante nas transformações ocorridas no período pode ser sintetizado da seguinte forma: criação de um incipiente mercado interno. A gênese desse mercado está ligada as tendências de especialização da propriedade cafeeira do Oeste Paulista, dados o contínuo encarecimento da mão-de-obra escrava, a introdução de novos elementos no quadro econômico e as mudanças verificadas no mercado cafeeiro internacional. Deixando de ser auto-suficiente, a fazenda em suas novas condições favoreceu a instalação de mercados próximos às unidades rurais. A introdução do trabalho assalariado aliados aos esforços do imigrante como produtor de alimentos e bens de consumo manufaturados representou uma modificação permanente do sistema econômico. Com o tempo, o imigrante passou a interferir no processo de urbanização, não só através das imigrações campo cidade como também pela imigração diretamente para centros urbanos e com relação à industrialização, boa parte dos quadros operários e dirigentes surgidos até a década de 1930 originou-se das massas imigrantes, que com seu trabalho contribuiu para o aumento da produção e com a nascente industrialização no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BASBAUM, L. **Historia sincera da República** 4.ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.
- BASSANEZI, M. Absorção e mobilidade da força de trabalho numa propriedade rural paulista. **O Café**, São Paulo, v.1, n.1, p.60-150, jan./fev. 1975.
- BEIGUELMAN, P. **Formação do povo no complexo cafeeiro**, São Paulo: Pioneira, 1968.
- BORIN, J. **Introdução ao estudo do café**. São Paulo: São Paulo, 1971.
- CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.
- CASTRO, A. de. B. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- CASTRO, A. de. B. **7 ensaios sobre a economia brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1975.
- COSTA, E. V. da. **Da senzala à colônia**. São Paulo: Difel, 1966.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1979.
- GRAHAM, D. Migração estrangeira e a questão da oferta de mão-de-obra no crescimento econômico brasileiro-1880-1930. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.3, n.1, p.7-64, abr. 1973.
- HOFFMANN, H. **Desemprego e subemprego no Brasil**. São Paulo: Ática, 1977.
- HOLLOOWAY, T.H. Condições do mercado de trabalho e organizações do trabalho nas plantações na economia cafeeira de São Paulo-1885-1915. **Estudos Econômicos** São Paulo, v.2, n. 6, p.145-180, dez.1972.
- IANNI, O. **O progresso econômico e o trabalhador livre**. História geral da civilização brasileira, São Paulo, v.3, n.3, p.30-120, jun. 1969.
- MALTA, M. **O café e sua importância econômica**, Rio de Janeiro: IBC, 1973

PETRONE, T. S. Imigração assalariada. **Historia geral da civilização brasileira**, v.3, n.3, p.30-120, jun. 1969.

TAUNAY, A. E. **Pequena historia do café no Brasil**. Rio de Janeiro: DNC, 1945.

PAIN, G. **Industrialização e economia natural**. Rio de Janeiro: MEC, 1957.

PRADO, C. J. **Historia econômica do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

RIOS, A. O café e a mão-de-obra agrícola. **Ensaio sobre café e desenvolvimento econômico**, Rio de Janeiro, v.1, n.1. p.80-165, ago, 1973.